

# APRESENTAÇÃO

## PENSAR AS FRONTEIRAS A PARTIR DAS FRONTEIRAS

DOI: 10.5935/2177-6644.20170002

**Leandro Baller**  
**Fábio André Hahn**  
*Organizadores do Dossiê*

Apresentamos as fronteiras com o intuito de entender os processos inerentes à história desse fenômeno no interior de um marco cronológico amplo e inconcluso. Trata-se de um fenômeno histórico em permanente elaboração, à mercê das práticas sociais ocorridas em seu interior exercidas tanto por meio dos fluxos humanos que se movimentam quanto pela mobilização dos argumentos no cotidiano de seus deslocamentos. Conhecer mais e melhor certos aspectos da história de uma fronteira é igualmente um mecanismo para flexibilizar olhares discricionários, quando não preconceituosos de um fenômeno histórico. Os estudos sobre fronteiras não devem servir apenas para estudar a fronteira, bem como refletir acerca da revolução teórica que esta supõe. Não é necessário estudar etnograficamente a fronteira, mas refletir sobre um ou outro acontecimento na fronteira para entendê-la como uma ambiência.

A fronteira, tal qual todos os fenômenos humanos, possui uma história e desafios para a sua compreensão enquanto categoria histórico-social. Como fenômeno histórico possui longa presença na história das sociedades humanas. Em linhas gerais, a fronteira pretende delimitar e restringir mobilidades em espaços físicos integrantes de um país. Do ponto de vista da sua compreensão e explicação, a fronteira vem conseguindo reunir pesquisadores de diversas áreas do saber (História, Geografia, Ciências Sociais, Antropologia, Diplomática, Literatura, Pedagogia, Ciência Política, entre outras), na tentativa de alcançar certo grau de

conhecimento que permita identificar elementos comuns e, paralelamente, distintos entre as mais diversas fronteiras verificadas, considerando inclusive distinções de caráter temporal e atemporal.

Os debates acerca do conceito do fenômeno nos autorizam a compreender a fronteira enquanto ambiência, em cujo interior as relações sociais são mediadas por múltiplos interesses de natureza cultural, econômica, política, religiosa, entre outros, e que se manifestam de forma pouco linear e não comportam uma simples explicação. A fronteira representa limites a partir de compreensões aparecidas sob as demandas da geopolítica e dos próprios Estados Nacionais e que pretenderam estabelecer linhas – reais ou imaginárias; concretas ou simbólicas – que, poucas vezes, cumpriram sua função reguladora e restritiva. Ao longo do tempo, em especial na contemporaneidade, o espaço de finitude foi sendo tomado e praticado a partir de impulsos variados, adquirindo características esponjosas ou se transformando em amálgamas que ora preservam as intencionalidades dos poderes do Estado, ora ressignificam a condição de encontros entre diferentes e diferenças.

Em face disso, a fronteira e sua persistência enquanto fenômeno de múltiplo significado nos dá condição de permanência ou de passagem, produz sensações e induz a procedimentos geralmente heteróclitos, porquanto carecem de responder às condições de reconhecimento do lugar. Quer dizer, a fronteira é um lugar relativamente estranho, ainda que, por vezes, contemple símbolos identificáveis e precise ser transitada sob constantes mediações que combinam práticas e valores. A ação humana na fronteira, efetuada por aqueles que habitam em sua cercania ou por ali circulam eventualmente ou com alguma frequência, produz impactos sobre o sentido da fronteira, tornando sua existência mais ou menos relevante em função da intensidade das práticas sociais.

Boaventura de Souza Santos afirma que estamos diante de longas durações históricas marcadas pela subordinação das periferias ao centro, mas que ao longo da história vão assumindo formas novas e diferentes. É isso que vemos hoje em países considerados como periféricos na Europa (Grécia, Portugal, Espanha). Assistimos a processos de transições democráticas inacabadas, após décadas de fascismos, nazismos, ditaduras, e outras formas de governos autoritários em várias partes do mundo e, em especial, na América Latina. Até onde estas descontinuidades evidentes estão atravessadas por continuidades subterrâneas? É

tempo de interpelar esses modelos e suas condições no presente em escala mundial, justamente pela ortodoxia de alguns desses modelos. Preocupações sobre o colonialismo e a colonialidade representam um dos aspectos de um amplo fenômeno histórico e encontram-se indissociados das problemáticas fronteiriças.

Walter Mignolo defende a ideia de que as fronteiras são espaços geo-históricos, onde saber, reconhecer, pensar, sentir, sempre marcam o lugar e a pessoa que as habita, pois a descolonialidade está presente tanto na colônia quanto na metrópole. Por sua vez, Anibal Quijano esclarece que em toda relação há dominação, exploração e conflito, onde a dominação se regula pela retórica da modernidade, a exploração pela lógica da colonialidade, e o conflito surge da descolonização tanto das ações quanto das formas de pensar. Contudo, não se trata apenas disso, o conflito objetiva o diferencial de poder regulado pela retórica da modernidade e implementado pela lógica da colonialidade, uma legítima retórica das fronteiras.

Nessas relações entre as fronteiras conhecemos termos que soam de forma diferente como pós-ocidentalismo, pós-colonialismo, descolonialidade, epistemologias do sul. Em nosso continente, percebemo-los como estudos subalternos latino-americanos, o que há em comum nesses termos é o passado colonial, as histórias locais e as características globais, com o pensamento da descolonização, a literatura de Frantz Fanon, Guaman Poma, Glória Anzaldúa, entre outros, mostra que é possível compreender melhor essas novas maneiras de pensar e de estudar as fronteiras, formando um verdadeiro processo de revolução teórica, desapegando-se, assim, da hermenêutica colonial.

A subjetividade também surge para uma história da fronteira como o próprio espaço modulado que para esta o homem estabeleceu. Torna-se uma ambiência subjetiva pela simples existência, pelos desafios, pelos aspectos incompletos, incongruentes e ambivalentes que não explicam a totalidade de sua existência, mas a explicam pela dinamicidade com que esta se apresenta para a sociedade. Não é o caso de compreender a fronteira, mas, sim, de perceber a própria história em que está inserida como um campo onde as ocorrências não são por si só de simples compreensão, uma localização que a torna dispersa e de complexa interpretação.

A fronteira é como um caleidoscópio, quanto mais se move ou é movida, mais imagens desta e de sua história se produzem e, por isso, somos levados a

perceber a uniformização dessas imagens em reflexos espelhados em que, na realidade, cada novo reflexo diferencia-se mais da própria figura referente para compor a diversidade da formação histórica da fronteira em si mesma. Cada vez que se move ou é movida, a fronteira cria uma percepção diferente de um quadro da história. É papel do pesquisador operar a transformação dessas diferentes figuras, ou seja, é necessário, por meio de racionalidades parciais notar que os homens inventam novas respostas para os novos conflitos que se apresentam para o campo da história. Segue-se, portanto, que novas interpretações sempre se fazem necessárias.

A condição de fronteira faz com que cotidianamente se redesenhem novos modos de encarar e construir o mundo nas fronteiras, onde pessoas imbuídas de questões individuais e individualizadas, relativas à sobrevivência, assumem novas formas de relacionamento. Nessas, os desejos e os interesses pessoais estão além dos aparatos institucionais do Estado e aquém da compreensão de intelectuais e de uma coletividade. É a partir desse momento que a construção da fronteira se transforma em um organismo interno e marca uma função substancial para as pessoas, espacialidade praticada, como lembra Certeau, onde se produzem inclusive novas formações territoriais de ocupação, como, por exemplo, ilhas, locais de pesca, refúgios ecológicos, entre outros. Diante dessa perspectiva, o que se nota é a pluralidade com que a fronteira é produzida.

Enquanto objeto de estudo consideramos as fronteiras um elemento escorregadio, pois, por onde quer que a análise se dirija, sempre parece que algo nos intimida quando escrevemos a seu respeito. Consideramos a fronteira um desafio, não um desafio de compreensão, mas um desafio autoral, visto questionar muitos dos aportes e suportes que já haviam tornado a nossa relação com essa ambiência um pouco mais cômoda enquanto objeto de pesquisa.

A fronteira é repleta de discursos e de práticas sociais, culturais, políticas, econômicas, entre outras, que a moldam e a transformam em um espaço de sociabilidade entre dois, três ou vários lados. Então, a pluralidade não significa, necessariamente, a elaboração de funções diferenciais da sociedade e do ser humano, pois ela comporta a ambivalência de ações e representações próprias do homem, como a identidade, a alteridade e a memória que se estabelece nesse ambiente.

A materialização das fronteiras ocorre como um lugar onde os limites demarcam processos e atitudes, tanto que permitem práticas e estimulam ações. É componente de exceções e de possibilidades de sobreposição do espaço, exercício praticado principalmente pelas pessoas que a vivificam. As separações de valores e de regras de um local em relação ao outro mostram práticas que parecem indicar nitidamente o obstáculo que surge perante o anseio restritivo sobre os pontos divisores, ainda que com a apreensão das resistências que se dão pelos diferentes agentes sociais.

Na historiografia, é importante percebermos que o problema dos espaços, dos lugares, das territorialidades, demorou a entrar na preocupação da área enquanto um problema histórico-político, histórico-social, histórico-econômico e histórico-cultural. Enfim, dualidades que perpassam o espaço enquanto local, e traduzem-no como ambiência de vida. A fronteira é, portanto, um local a mais que compreende essas espacialidades.

Nessa direção, propusemos a organização deste dossiê sobre “fronteiras nacionais”, com o propósito de problematizarmos a questão e expandirmos ainda mais o diálogo que tem crescido nas últimas décadas, especialmente em virtude do aumento não só dos programas de pós-graduação, bem como da produção e disseminação de investigações, fato que tem agitado o debate nas ciências humanas de modo geral.

Neste dossiê tivemos a contribuição de seis textos envolvendo discussões realizadas em diferentes universidades brasileiras (UFAC, Udesc, Unioeste, Unespar, UFGD, UFMS e UFRR). A finalidade residiu em ampliar o leque e pensar as questões que abarcam o espaço fronteiriço para que os leitores tivessem um panorama mais amplo das discussões em curso no Brasil e sob diferentes perspectivas, e isso somente foi possível pela contribuição dos autores aqui presentes.

O professor José Sávio da Costa Maia da Universidade Federal do Acre, em seu texto intitulado *Um olhar sobre os “empates”: resistência da/na fronteira sul-ocidental amazônica* tratou sobre as políticas governamentais para a Amazônia nas décadas de setenta e oitenta e seus impactos socioambientais, analisando a resistência e o enfrentamento das populações extrativistas e indígenas com base nos relatos destes e nas percepções de outros segmentos que interagem com eles.

Thiago Reisdorfer, doutorando da Universidade do Estado de Santa Catarina, em seu texto intitulado *Entre passado e presente: narrativas de multiculturalidade na fronteira* desenvolveu um estudo sobre Foz do Iguaçu e sua condição fronteiriça, a partir da construção de narrativas em que a presença de uma ideia propagada de multiculturalismo harmonioso entre as diversas etnias estaria aliada aos “atrativos naturais” da região. Desse modo, procurou problematizar como o passado foi usado na construção de uma dada memória social harmoniosa em função da promoção do turismo, revelando os conflitos e embates entre os diferentes grupos sociais.

Já José Carlos dos Santos, professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, em uma discussão nessa direção sobre o mesmo foco espacial da tríplice fronteira entre o Brasil, Paraguai e Argentina, apontou outras questões referentes ao multiculturalismo no texto *Polissemia e multiculturalismo em fronteiras*. Segundo Santos, o multiculturalismo pode ser entendido com uma “forma possível de ampliar a compreensão historicamente determinada pelo pensamento geográfico e diplomático”, ou seja, problematizando se a fronteira une ou separa. Assim, o autor busca analisar e discutir a questão a partir dos estudos pós-coloniais em que o espaço é entendido como “lugar praticado”, sem ignorar os demarcadores tradicionais que ainda se fazem presentes.

Recuando um pouco mais no tempo, o estudo realizado por nós, Fábio André Hahn e Leandro Baller, organizadores deste dossiê, da Universidade Estadual do Paraná e da Universidade Federal da Grande Dourados, respectivamente, apresenta aos leitores o texto *Um olhar sobre a fronteira: os relatos do sertanista Edmundo Alberto Mercer*. Com um mesmo contexto espacial dos dois textos anteriores, a presente investigação trata sobre a fronteira nas duas primeiras décadas do século XX a partir da perspectiva do sertanista Edmundo Alberto Mercer, enfatizando, especialmente, a preocupação com a inobservância do controle nacional sobre aquele espaço fronteiriço e apresentando possibilidades e ações a serem adotadas pelo Estado.

No texto *O cotidiano dos professores e alunos pertencentes às escolas de fronteira*, Lucilene Machado Garcia Arf e Sabrina Rodrigues Velasque, ambas provenientes da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, analisam a partir das experiências em escolas brasileiras de ensino fundamental do Município de Corumbá, as

atribuições de significados ao cotidiano vivido por alunos bolivianos e professores brasileiros que compartilham o mesmo ambiente escolar.

O trabalho de Américo Alves de Lyra Junior e Rayanne Santos Silva, ambos da Universidade Federal de Roraima, intitulado *Uma fronteira esquecida e um vizinho a se descobrir: a emancipação guyanense ao extremo norte do Brasil*, trata da independência da Guayana, país que faz fronteira com o norte do Brasil, e do acompanhamento da vida pública da república caribenha por parte de autoridades brasileiras. A investigação se desenvolveu a partir do estudo das cartas diplomáticas enviadas de Georgetown para Brasília.

Os textos que compõem o presente dossiê permitem uma reflexão a respeito dos diferentes aspectos voltados para o espaço da fronteira. Uma fronteira que não se reduz a uma explicação simplista, mas a um conjunto de possibilidades e definições que tem como marca a flexibilização.

Desejamos aos leitores uma ótima leitura!